CANTO TRADICIONAL DE MULHERES



2021-2022 ANIVERSÁRIO DO CRAMOL

O percurso de quatro décadas do Cramol, na busca das vozes das mulheres rurais, do seu canto, é pretexto para aprofundar o mundo e a humanidade que o sustenta, a raiz de terra que lhe coube, a cultura que lhe deu nome e a sua recriação numa multiplicidade de práticas. O nosso trabalho desde há muito tem sido o de mergulhar na cultura tradicional e de cantar a sua/nossa música. Cantamos o que herdámos, o nosso património comum - um canto que nasce da terra e de quem a revolve, a habita e trabalha. E dela muito espera, consoante o tempo. E assim nasce o canto, melhor dizendo, os muitos cantos que povoam o corpo, o pensamento, desejos e falas das mulheres, forçando limites, tecendo e criando o seu próprio existir. A memória dessas sonoridades que irrompe na contemporaneidade interroga os emerge abrindo novas possibilidades performativas e de sentido às falas no feminino. A voz e o corpo enquanto poder, o canto enquanto totalidade que liberta, invoca diversas dimensões da experiência humana que importa explorar e debater. É mais um dos modos de celebrar e comemorar a existência do Cramol – grupo de mulheres que ao longo de 40 anos soube aprofundar e saborear este canto que é o nosso, em cada semana do ano, na Biblioteca Operária Oeirense (BOO), associação fundada em 1933.

Com atraso de dois anos devido á pandemia, retomamos os ciclos de debate que iniciámos em 2016/17 com "Fios que tecem a fala das mulheres" a que se seguiram as conversas em torno de "Espantar o mal no corpo e na vida: fala de mulheres e outros cantos", em 2018/19 (ambos registados em áudio e vídeo). Para celebrarmos os 40 anos de existência do Cramol em 2019, escolhemos como mote para o debate "Canto tradicional de mulheres: lugares, tempos e modos" que, à semelhança dos anteriores, organizamos em conjunto com a BOO e, desta vez, contamos com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras. É um ciclo que dedicamos a todas e a todos que forçam os limites históricos e culturais para dar poder à fala, à voz das mulheres.

De um modo muito especial dedicamo-lo à Lídia e à Sãozinha, duas de nós que partiram e cujo canto tão bem souberam tecer com o Cramol

• CANTO TRADICIONAL DE MULHERES - VISIBILIDADE DO CANTO TRADICIONAL DAS MULHERES NO ESPAÇO PUBLICO: A IMPORTÂNCIA DOS MÉDIA - • CONVIDADOS: João Lisboa; Pedro Fradique; Nuno Pacheco

Dia 02 Junho 2022 | 21H15 | Templo da Poesia (Oeiras)





OEIRAS



CANTO TRADICIONAL DE MULHERES

LUGARES TEMPS EMODOS

• CANTO TRADICIONAL DE MULHERES• - VISIBILIDADE DO CANTO TRADICIONAL DAS MULHERES NO ESPAÇO PUBLICO: A IMPORTÂNCIA DOS MÉDIA -

CONVIDADOS: JOÃO LISBOA; PEDRO FRADIQUE; NUNO PACHECO

Dia 02 JUNHO 2022 | 21H15 | Templo da Poesia (Oeiras)

PARTICIPAÇÃO DO CRAMOL Ai, o meu S.João da Ponte - Vilarinho da Furna / Gerês Ó Valverde (Cancioneiro de Arouca)

JOÃO LISBOA: Quem canta, canta o quê para quem? E onde canta está quem antes estava, ouvia e também cantava? E o que é cantado é ainda o mesmo ou é já outra coisa? E quem dá notícia e comenta o que se canta e quem canta apercebe-se realmente do percurso que foi feito entre quem cantava e quem agora canta, entre o que era cantado e onde e do que, pelo caminho, se foi transformando?

PEDRO FRADIQUE: Cresci em Oeiras, também a ver e ouvir o Cramol e, à medida que ouvia e descobria mais música, aumentava a sensação de que aquele colectivo - tão singular - era uma espécie de segredo, um culto restrito às famílias, amigos e outros músicos que as seguiam e ouviam. Enquanto jovem jornalista acreditava que era algo valioso demais para não ser partilhado. Foi daí que, noutro século, vieram aquelas páginas do Blitz.

NUNO PACHECO: Associado por rotina à etnografia, o canto tradicional colectivo das mulheres não atrai, por norma, a imprensa, mais dada ao canto solista e privilegiando muitas vezes a aparência. As excepções, que existem, só confirmam esta regra.





OEIRAS





NOTAS BIOGRÁFICAS

JOÃO LISBOA

Curso de Composição do Conservatório Nacional de Lisboa. Professor de Educação Musical do Ensino Oficial. Professor na Escola Superior de Teatro e Cinema nas cadeiras de Formas Sonoras, Estética, Formas da Música e Produção de Música para Filmes. Crítico de música do semanário "Expresso" desde 1984. Livros publicados: "Nocturnos/Tom Waits", "Superstars/Andy Warhol e os Velvet Underground", "Anéis de Fumo/Laurie Anderson" (compilações e traduções); "Provas de Contacto" (compilação de textos e entrevistas)

PEDRO FRADIQUE

Lisboa, 1970. Iniciou-se no mundo laboral como jornalista em 1989. Durante mais de uma década escreveu para diversas publicações e gerou conteúdos para televisão e rádio. Foi consultor da Expo 98 e responsável de comunicação da Fnac no seu início em Portugal. Juntou-se à equipa do Lux Frágil em 1999, como responsável de comunicação e como elemento do núcleo de programadores.

NUNO PACHECO

nasceu em Lisboa, em 1955. Iniciou-se no jornalismo em 1977, no semanário Voz do Povo. Integrou os quadros do semanário Expresso de 1981 a 1989. Co-fundador, em 1989, do diário Público, do qual foi director-adjunto até 2016, é um dos seus redactores-principais. Foi distinguido, em 2018, com o prémio de Jornalismo Cultural pela Sociedade Portuguesa de Autores.